

3ª Parte

Prosa de Ficção

Pedidos de Natal

Costa Matos

Papai Noel, o primeiro presente de Natal que desejei no mundo foi um cavalo-de-pau. E um que não me inferiorizasse diante dos moleques cavaleiros da minha terra. Como vândalos, eles desciam do Morro do Papoco, subiam da Rua de Baixo, invadiam a Rua de Cima. Quase todos filhos de prostitutas. Pés descalços. E sujos. As mães ricas arrebanhavam os filhos e os trancavam em casa, quando os pequeninos invasores desarrumavam a ordem social. Provocavam correrias nas retretas da banda de música, regida por Maestro João de Sales com muitos sacolejos de papada. Os papéis das partituras, brancos como garças, esvoaçavam pelo coreto, à passagem dos bárbaros. Era bonito aquilo! Os músicos, atônitos, tentavam proteger os instrumentos.

Nessas arruaças, eu era respeitado. Porque, muitas vezes, quase santificados, os meninos do Morro do Papoco me pediam releituras de "O Pequeno Príncipe". E lá do fundo de seu abandono revoltoso, queriam saber pronunciar o nome francês de Antoine de Saint-Exupéry.

– Como diz o outro, o inventor do Pequeno Príncipe na certa foi uma pessoa bom ...

– Diz a velha minha mãe que Deus só tocou fogo em Sodoma porque caçou e não achou, na cidade, nem dez gentes-fina. Nem dez gentes-fina! Por que não trabalharam para aquele homem gostar deste mundo? Ali a gente sente como certas pessoas são os pára-raios de Nossa Senhora.

– É. Ele ficava aqui mesmo com os meninos, contando histórias que deixam esta vontade de ser bom.

– É. E quando mandasse a raposinha do Pequeno Príncipe falar e dizer sabedorias, me chame filho de sessenta éguas se ficasse menino sem escutar. Era capaz de tirar bandos adoidados que nem o nosso desta lei do Cão Quebra-Coco ...

– Tu estás chorando, macho frouxo?

– E neste mundo tem gente sem água dentro? E vocês? Alguém passou pimenta malagueta nos olhos de vocês, negrada?

A negrada enfiava os cavalos-de-pau entre as pernas e partia.

Mas dona Camila, minha mãe adotiva, afirmava que eu, passado na peneira paroquial para integrar a elite da Cruzada Infantil, e aluno do catecismo de dona Laura Miudinha, eu podia dar bons exemplos no meio daquela mundica. Havia um negador irreverente do meu apostolado. Antônio Pinto dava risadas de varar a cidadezinha, quando Vevê, muito sério, proclamava, no Mercado Público, que eu era um profeta de invernos e de secas, muito capaz de redimir meninos sem lei.

Um arrasamento moral as risadas de Antônio Pinto. Talvez por causa delas, fui encontrando mais dificuldades para profetizar.

Às vezes, a molecada arrumava os cavalos-de-pau a um canto e comia comigo, na casa de taipa da Rua dos Ourives. Todos sentados no chão de barro. Feijão com toucinho em pratos de ágata, velhíssimos. Colheres entortadas de ancianidade. E paz. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Sim, um cavalo-de-pau. Daqueles que só Neném Sapateiro sabia fazer, com uma estrela de pregos dourados na testa, uma orelha desconfiada espetando o futuro e a outra velhacamente caída para trás.

Eu era tão pequeno que não me lembro se você me deu o cavalo-de-pau das minhas rezas de menino. Por isso, estou aqui, dentro da noite do Filho de Deus, olhos arregalados na treva, rodeado de sinos cantadores, pedindo, outra vez, o cavalo-de-pau da minha infância.

Naturalmente, Papai-Noel, os anos que se foram me deram muitas coisas, levaram muitas coisas de mim, fincaram algumas cruces no caminho para marcar os lugares onde a terra teima em silenciar as lembranças dos nossos mortos. Muitas mãos deixaram adeuses inexplicáveis nas minhas mãos. Muitas vezes abri a boca para dizer uma palavra boa, mas não tive santidade nem poesia para gerar essa palavra de salvação do meu próximo.

Trago, hoje, nos olhos, as paisagens de muitas almas e de muitos lugares. Li as angústias e as aspirações dos homens nas línguas mais estranhas. Queimei meus passos na travessia do braseiro

de várias guerras. Em alguns momentos, a vida me acovardou e eu tive, como Pedro, que negar o meu Mestre diante da criada de Caifás, antes da cantada do galo. Amontoei pedras, tracei a argamassa, mas muitas das minhas construções viraram Babéis. Inconclusas, na desolação da Planície de Senaar. Tive algumas experiências da profecia e salvei gentes e animais dos dilúvios que ainda iam acontecer. Meus pés estiveram nos pés de Neil Armstrong, no primeiro dia em que um de nós pisou na lua.

Trago lembranças de paralisias do meu cristianismo. Como esta. O preto velho entrou no ônibus, de tamancos e sem dinheiro. Foi intimado a descer.

– Desce!

– Desce!

Hulmide, sem palavras e sem revolta, passou a meu lado e encontrou uma vaia na calçada. Uma moeda o salvaria do constrangimento.

Eu não me mexi. E os remorsos de ainda hoje? Depois, o menino de rua. Já amarelinho ... rosto alterado pelas inchações que a fome sabe fabricar. Abriu-se o sinal verde. Tive que avançar. Leia o Evangelho de Marcos, Papai Noel. Aprenda a tecnologia de multiplicar os cinco pães e os dois peixes...

Ora, Papai Noel, essas vivências todas devem deixar marcas profundas na alma da gente. É por isso que já não sou a mesma criança que desejava um cavalo-de-pau igualzinho aos brinquedos dos moleques do Morro do Papoco. Igualzinho, agora? Como? Neném Sapateiro está no céu. Não vai descer para fabricar um cavalo-de-pau com uma estrela de pregos dourados na testa, uma orelha desconfiada espetando o futuro e a outra velhacamente caída para trás ...

Mas, se a memória não me engana, você me deve ainda o meu cavalo-de-pau. Com ele, eu sei que a amargura não terá velocidade para me alcançar nem força para me transformar num dos seus apóstolos. Talvez até eu chegue a ser bom. Talvez até eu chegue a ser útil aos irmãos que vão amontoando motivos para maldizer a vida. E assim, Papai Noel, você me ajudará a viajar com mais beleza pelos caminhos do tempo do meu Deus.

Eu quero que você me dê o cavalo-de-pau de ultrapassar minhas antigas invejas. Com ele, talvez eu ainda possa alcançar os homens, em tempo de avisar que o sofrimento está chegando mais cedo. E envelhece as crianças. Estamos entrando num mundo sem infâncias. Ensinaram aos jovens o medo do tempo.

No aturdimento desse medo, eles seguem com narcotizado alívio a descendência dos Matuiús da lenda, monstros que têm os pés voltados para trás. E esta anatomia convém às marchas fugitivas dos que deixam o futuro para trás.

Como corrigir o rumo errado dos meninos? Destes de agora. Porque eu não sei para onde os molequinhos dos cavalos-de-pau foram arrastados pela lei do Cão Quebra-Coco.